



A Identidade como Efeito Discursivo: da Materialidade da Língua à Discursividade do Arquivo

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais¹ (IFG)

Resumo:

Este trabalho inscrito nos Estudos Linguísticos busca reconduzir a materialidade da língua à discursividade do arquivo, para compreender a construção de efeitos identitários na obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada". Trata-se de um estudo descritivo-interpretativista que reconfigura três categorias linguísticas (formas de modalidade, junção conectiva e deslocamento sintático) mediante o jogo do interdiscurso com o intradiscurso. Situando-se para além da divisão estanque entre o de dentro e o de fora da língua, esta análise prestigia um movimento de desterritorialização teórica, em que o objeto discurso não é tomado na complementaridade do objeto língua. Como resultado da análise, depreende-se que a intercessão da sintaxe com a historicidade compõe a divisão de uma posição-sujeito de porta-voz dos excluídos, bem como a congregação dos objetos em um regime de formação, traduzido pela valorização do local e do regional e pelo rechaçamento do saber da história tradicional em prol do intempestivo e heterodoxo saber "pós-moderno". Em suma, este trabalho fundamentado nos pressupostos da Análise do Discurso reafirma que o enunciado é, antes de tudo, atestado pela língua no interior do arquivo.

Palavras-chave: discurso, língua, identidade.

Abstract:

This study aims to bring the linguistic materiality to the plan of the discourse with the objective of understand the social identities. This is a descriptive-interpretive study that resizes three categories (forms of sport, displacement syntactical and connective junction) through the game interdiscourse/intradiscourse. In addition to division between the inside and outside of language, this analysis performs a movement of deterritorialization theoretical in which the object discourse is not designed on the complementarity of the object language. As a result of the analysis of discursive materiality, it appears that the intercession of the syntax with the historicity produces the division of the subject position of spokesperson

for the excluded, and the congregation of the objects in a training regime, represented by the appreciation of local and regional and by invalidation of the traditional story in favor of the untimely and heterodox know "postmodern." In summary, this work based on the concepts of discourse analysis insists that the statement is, first of all, attested by the language inside the file.

Keywords: discourse, language, identity.

Introdução

Escrever é saber que aquilo que ainda não está produzido na letra não tem outra residência, não nos espera como **prescrição** em qualquer τόπος οὐράνιος ou qualquer entendimento divino. O sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio e tornar-se naquilo que a diferir de si é: o sentido.
(Jacques Derrida)

Na força inaugural da escritura, a liberdade de fazer surgir **o já lá no seu signo**. Eis os termos derridianos, em que qualquer sentido "inaugurado" pela escrita nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças.

Em perspectiva análoga, pode-se dizer, acerca da **identidade** – objeto contemporâneo à linguagem –, que a evidência **do que se é** também é incessantemente perturbada pela falta. É afetada pelo **outro**, assimilado às **singularidades nômade**s, que pululam no caos, mas também às múltiplas e imperfeitas identificações do sujeito, mediado por saberes e poderes. Afeta-se, enfim, pelo inatingível da língua, ao **isso** que fala antes sem dizer: ao não-dito suposto dizível, passível de ser "restituído" pela interpretação.

A partir dos postulados da diferenciação / fragmentação do sujeito na "pós-modernidade" e da determinação do simbólico pela incompletude própria do real, esta análise se propõe corroborar a produtividade da Análise do Discurso como grade de leitura e interpretação. Assim sendo, segue no encalço dos efeitos identitários engendrados pela **narrativa de si** que se materializa na obra **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, de

Carolina de Jesus¹. Para tanto, busca-se reconstruir o processo discursivo de convalidação das memórias subalternas, uma vez que essa discursividade abriga traços das formações sócio-históricas, que promovem sentidos de exclusão e comunhão com os excluídos sociais.

Tendo em vista que esses sentidos são instituídos como balizas da constituição identitária e dos posicionamentos do sujeito em relação a um regime de enunciabilidade, é preciso prestigiá-los na sua irrupção complexa, realizada pelo cruzamento da língua (no escopo deste trabalho: formas de **modalidade, junção e deslocamento sintático**) com a história e o sujeito. Assim sendo, este trabalho lança vistas sobre o fio discursivo² constituído em Quarto de despejo, tomando-o como **circulação do cotidiano** – lugar de entrelaçamento da memória (o já-dito antes e em outro lugar) com uma atualidade (o dito aqui e agora). Em suma, as páginas seguintes buscam surpreender, no intradiscurso de algumas formulações – simulacro material do interdiscurso –, o jogo entre repetição e ruptura que desestabiliza efeitos de evidência dos sentidos e configura o complexo identitário nessa escrituração de si. Persegue-se, para tanto, um complexo de subjetividade, constituído na articulação das três ontologias foucaultianas (o **saber, o poder e o si**), visto que o efeito-sujeito, produzido na relação do intradiscurso com o eixo interdiscursivo, de um lado é determinado pelo saber e pelo poder, mas, por outro, escapa aos códigos de saber/poder, abrindo novos modos de existência (cf. DELEUZE, 2006).

Isto posto, segue, pois, sob a égide da heterogeneidade da linguagem no fio do discurso, a desmontagem de um efeito-sujeito, erigido histórica e fragmentariamente, na articulação das três dimensões ontológicas especificadas ao longo do trajeto filosófico de Michel Foucault. A partir da interface da Análise do Discurso (leiam-se **diálogos e duelos** de Foucault e Pêcheux, reafirmados por Gregolin, 2004) com as teorias da diferença, apresentam-se, a seguir, alguns movimentos descritivos/interpretativos que inscrevem a constituição de efeitos identitários numa dinâmica discursiva de reabilitação e diferenciação das memórias ordinárias. Segue, enfim, a análise de uma produção subjetiva, que é determinada pelas regras formais dos estratos do saber e pelas relações de força instituídas

¹ Carolina Maria de Jesus foi uma catadora de papel, moradora da favela do Canindé, que ao longo das décadas de 1950 e 1960 empreendeu a narração do seu cotidiano e, segundo análises da crítica literária, trouxe à tona as lutas dos favelados pela sobrevivência.

² Das reflexões de Pêcheux (1999) sobre o pré-construído e sobre o discurso transversal (articulações), provém a definição do **intradiscurso** como simulacro material do interdiscurso.

no **diagrama**, mas também pela possibilidade de vergar a força e constituir a **dobra da linha do fora** (tal como preconiza Deleuze).

Unidade e divisão da posição de porta-voz: negociações com a alteridade discursiva em Quarto de despejo

A partir do cruzamento das orientações de Foucault e Pêcheux, é possível depreender uma consistência de enunciados que se materializam em sequências discursivas extraídas da escrita diarística de Carolina de Jesus.

Esse conjunto de enunciados, que arrolamos metodologicamente como repertório de saber de uma **formação discursiva legitimadora das memórias excluídas**, é composto por um **ser da linguagem**, pois ele não é o resultado transparente da fala de um sujeito. Como campo de legibilidade (aquilo que pode e deve ser dito numa configuração histórica), remete a “uma função-vazia, que pode ser exercida por indivíduos até certo ponto indiferentes” (FOUCAULT, 2005, p. 105). Constitui-se, assim – no campo de intervalo da literatura com a história e a partir do exercício da **função enunciativa** –, como regime do legível e do dizível, explicitado na **Arqueologia do Saber**.

No escopo desta investigação, esse regime de enunciabilidade é traduzido no **acontecimento**, historicamente assinalado, de tematização das vidas ordinárias, que se define a partir de uma posição-sujeito de porta-voz dos excluídos. Convalidada pela elaboração de Pêcheux (1995) sobre as modalidades de relação (identificação / contra-identificação / desidentificação) do sujeito com a formação discursiva, a posição de porta-voz organiza a relação do sujeito enunciador com a FD de referência na materialidade em questão e, tal como a língua e o sentido, se apresenta sob o signo da divisão. No domínio da posição-sujeito, consolida-se, na verdade, a reciprocidade entre identidade e diferença, uma vez que, segundo Woodward (2000), a identidade é marcada por aquilo que ela não é e, ao mesmo tempo, pode abrigar contradições no seu interior. Eis o que se depreenderá das análises apresentadas, em que a dinâmica discursiva torna problemático o jogo entre identidade e diferença, preconizado na assertiva deleuziana de que o nosso sentido

identitário é sorvido pelo diferente. Nas sequências discursivizadas em **Quarto de despejo**, releva, a esse respeito, que a afirmação da identidade em determinados planos coletivos (do gênero, da classe, da etnia) convive com a disjunção no nível “individual” (que abarca a identificação com a figura do “escritor”). Tal pluralidade torna difícil concluir, por exemplo, se o (efeito)sujeito se configura como um igual ou um diferente do “favelado”:

A)

Nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo.

(QD, p. 128)

Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho.

(QD, p. 33)

B)

Aqui todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.

(QD, p. 19)

Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool.

(QD, p. 65)

Se, como insinua Deleuze, somos, cada um de nós, não mais que diferenças que bem poderiam ser outras tantas, cabe interrogarmos sobre a repetição que traz a singularidade que somos, bem como **os diversos** que nos invadem insistentemente. Nessa direção, e considerando-se os propósitos desta visada, é importante analisar, por exemplo, a atuação de determinadas marcas de junção conectiva (**mas, porque**) e dos procedimentos de organização sintática para a instauração do jogo do intradiscurso com a memória discursiva. Desse batimento da atualidade enunciativa com uma alteridade discursiva (o já dito ou o possível de ser dito), emergem efeitos de sentido integrados a efeitos-sujeito singulares, processados como diferenças abertas pela repetição.

Uma vez que, segundo Gadet e Pêcheux (2004), a discursividade é efeito da **língua sujeita à falha que se inscreve na história**, é preciso, de fato, olhar para as marcas linguísticas que, ao instaurar a negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do discurso, inscrevem a segmentação da posição-sujeito assumida na enunciação. Assim sendo, cabe refletir sobre descontinuidades de sentido e do efeito-sujeito, como as que se constituem no diário de Carolina de Jesus:

Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: – Muito bem, Carolina. Os generos alimenticios deve ser ao alcance de todos.

(QD, p. 34)

Eu penso que a violência não resolve nada. Assembleia de favelados é com paus, facas, pedradas e violências.

(QD, p. 45)

Nesta prática discursiva, o atravessamento das formulações pelos índices de memória se deixa marcar por recursos de modalidade (**há de dizer**), pela forma de contrajunção (**Mas**), pelas estratégias de tematização e focalização (**Assembléia de favelados é com...**). Conforme se busca explicitar aqui, esses instrumentos linguísticos participam da delimitação da alteridade no interior do **mesmo** intradiscursivo, de modo a demarcar as adesões, mas também os distanciamentos do sujeito em relação aos saberes cristalizados.

Por meio desse movimento, pautado no jogo entre descrição e interpretação, tem lugar a compreensão de funcionamentos discursivos que demarcam a fragmentação de uma posição-sujeito de porta-voz, clivada, na materialidade discursiva, entre a comunhão e a disjunção com os proscritos sociais. A partir do cruzamento de teorias pertinentes para o estudo da subjetivação e da ética pós-moderna, analisa-se, portanto, a complexidade da posição-sujeito que, ao deslizar do murmúrio anônimo (regimes de legibilidade e visibilidade) para a **dobradura da força**, ultrapassa o **desdobramento do Um** e alcança o plano da reduplicação do Outro, da repetição do Diferente, arrolado por Deleuze (2006). Analisa-se, enfim, uma ordem de subjetividade, que, sob a marcação da sintaxe e a partir da intercessão “pós-moderna” da linguagem literária (**linguagem neutra**, segundo Blanchot) com a **recuperação do real**, abriga a inscrição, mas também a resistência aos códigos de saber e poder.

Sobre essa divisão/ambiguidade da posição-sujeito que arregimenta o efeito identitário na escrita de si analisada, é preciso dizer, contudo, que ela não apaga o caráter estrutural e interno do **conflito** em relação à identidade. Isso significa que o conflito do sujeito discursivo (com a narrativa tradicional da história e, paradoxalmente, com os marginalizados sociais) é situado entre uma positividade (o que eu sou) e uma negatividade

(o que eu não sou), mas também remonta ao fracasso inevitável nos processos de identificação. Sob a ótica de uma lógica agonística (postulada nos estudos culturais de Homi Bhabha), considera-se, neste estudo, que a configuração de uma discursividade memorialista como **diferença**, como discurso das minorias, não implica a resolução dos conflitos num plano ideal de sociedade. Na mesma proporção, o reconhecimento de regionalizações da posição-sujeito pautadas na comunhão ou na disjunção com os excluídos não implica meramente diversidade ou transitoriedade nas identificações. Para além da crença ingênua no consenso e na substituição da ideologia dominante pelas ideologias dominadas, acredita-se que a oscilação do sujeito entre posicionamentos que deslizam da **assimilação à censura dos proscritos** (e, também, da relação ética à moral) deixa ver a alteridade constitutiva dos processos identitários. Uma ordem de alteridade relacionada ao fato de que as identificações contingentes desse sujeito (porque são recriadas por novos gestos identificatórios) se realizam numa perspectiva de incomensurabilidade, visto que, tal como assinala Grigoletto (2006, p. 17), “o sujeito se identifica com o outro naquilo em que este último é inimitável”.

Mediante essa ressalva, busca-se surpreender, no cruzamento de séries enunciativas que constituem as sequências do **discurso de legitimação das memórias excluídas** em Carolina de Jesus, efeitos de sentido capazes de inscrever a discursividade em questão, e a posição de porta-voz, numa articulação de saberes e práticas. Desse modo, segue-se em busca dos movimentos discursivos que, conforme assinalam os exercícios desta empresa descritivo/interpretativa, fazem o sujeito deslizar da **denúncia da opressão e reabilitação dos excluídos** a uma ordem de **cuidado de si, controle e disjunção com os esquecidos da História**. Eis o que se pode depreender, por exemplo, da análise das formulações que se materializam na sequência³:

A vida é igual um livro. **Só depois de ter lido é que** sabemos o que encerra. **E nós quando estamos no fim da vida é que** sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. **Preta** é a minha pele. **Preto** é o lugar onde eu moro.
(QD, p. 147)

³ Nas sequências que constituem a materialidade de análise deste trabalho, utilizam-se os seguintes recursos para destacar as formas analisadas: negrito (para as formas de organização da informação); itálico (para as formas de modalidade) e traço de sublinha (para destacar as formas que operam junção de elementos).

A articulação do registro do real com a ordem do simbólico promove o aspecto inevitavelmente faltoso de todo significado. O fato de que todo sentido é crivado por outros tantos, impossíveis de serem reabilitados na inteireza inapreensível do interdiscurso, dá lugar à interpretação de pontos de deriva constituídos nestas formulações. Nas formas do deslocamento sintático ⁴ dos constituintes e termos oracionais destacados em negrito nas sequências, assinala-se o movimento de reconfiguração do interdiscurso, operado pelo imbricamento da memória – restituída sob a forma de pré-construído – com uma atualidade. Em “**Preta** é a minha pele. **Preto** é o lugar onde eu moro”, a superfície discursiva marca, com a anteposição do rema, o movimento que neutraliza a ruptura entre um passado (origem dos sentidos prévios a recuperar) e um presente (lugar de recuperação do já enunciado), reafirmando a natureza constitutiva do exterior (o já-dito, do/no passado) em relação ao **mesmo** da discursividade “atual”. Contemporaneamente a esse jogo na/com a linguagem, realiza-se a identificação cultural do sujeito na dimensão étnica da sua constituição identitária. Assim, entre o dito e o já-dito, imbricam-se, no discurso, diferentes movimentos identificatórios e produções identitárias, numa ordem de fragmentação e deslocamento típica da liquidez pós-moderna (Cf. BAUMAN, 2001). Esta instabilidade desterritorializa a formação discursiva, alargando o seu limite, antes circunscrito à categoria marxista de contradição na luta de classes, e situando-a, pelo viés da cultura, perante as diferentes versões da luta coletiva contra o esquecimento na modernidade tardia.

Além desse movimento identificatório, empreendido na esfera da etnia e que constitui uma resistência a determinados saberes e poderes, a materialidade linguística da sequência marca, sob a forma do deslocamento sintático (intricado à construção do foco), uma outra identificação do sujeito, operada no âmbito da idade. Em “**Só depois de ter lido é que** sabemos o que encerra” e “**E nós / quando estamos no fim da vida é que** sabemos como a nossa vida decorreu”, o recurso de rematização⁵, atravessado pelo marcador de

⁴ Especificadas, a partir de interesses distintos, por PONTES, 1987, KOCH, 2007, CALLOU et al, 1993.

⁵ A apropriação das noções de tema/rema e, por extensão, dos procedimentos de rematização e tematização não se faz, neste trabalho, em desatenção à variação terminológica, sintomática da diversidade de pontos de vista segundo os quais estas categorias são concebidas pelas diferentes feições da linguística. No entanto, a agenda estabelecida para esta investigação impõe que este trabalho mobilize tais ocorrências destituindo-se da pretensão de descrição exaustiva ou da circunscrição das formas analisadas a uma das grades linguísticas de leitura (como as abordagens funcionalista, gerativista ou cognitivista). Resguardado o zelo contra recobrimentos levianos e aproximações indevidas, a recorrência à

foco “*é que*” (e, no segundo caso, pela estrutura de tópico: **E nós**), participa da construção identitária do velho como guardião do passado, cuja função social é lembrar e aconselhar (BOSI, 2004, p. 18). Essa construção, que, tal como a modalização, não se processa à revelia de uma memória discursiva, ou seja, de um **dado** incontornável (MAZIÈRE, 2007), se faz, ainda, no primeiro enunciado, com a participação de outro elemento marcador de foco: o item lexical **Só**. O amálgama dessas estruturas linguísticas com uma exterioridade inscrita na própria materialidade discursiva engendra, simultaneamente ao efeito do **mesmo**, a desqualificação de um outro saber indiferente à **experiência de vida**. Esse saber desautorizado, que, retomando Bosi (2004, p. 19), podemos identificar com **o bloqueio dos caminhos da lembrança na sociedade capitalista**, emerge sob a forma do não-dito e reafirma a configuração da idade como um dos aspectos embutidos por entre as classes sociais e as suas relações de desigualdade.

No horizonte da relação entre classe social e esquecimento, pode-se inscrever também esta sequência, estruturada a partir de uma construção relativa que gera a segmentação enunciativa:

O que eu aviso aos pretendentes a política, *é que* o povo não tolera a fome. *É preciso* conhecer a fome para saber descrevê-la.
(QD, p. 26)

A marca sintática (**o que... é**) típica das orações cindidas é tomada aqui não como expressão do envolvimento do falante, que antecipa na formulação aquilo que constitui a meta da sua enunciação (como se lê em Koch, 2007). Noutra direção, que não tem em mira uma individualidade criativa do locutor, esta análise focaliza o jogo do simbólico com o real, que, como assegura Pêcheux (1999, p. 14), expõe o olhar leitor a “níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”. Desse modo, os sentidos de oposição que aqui se depreendem a partir do movimento descritivo/interpretativo postulado por Pêcheux distanciam-se do sentido implicado no uso das estruturas cindidas, que é definido em Koch (2007, p. 117) como:

nomencatura lingüística subordina-se, aqui, aos propósitos da pesquisa, que busca compreender a produção identitária, dada no cruzamento da língua com a historicidade constitutiva do discurso.

sutil oposição ou contraste. Segundo Hupet & Costermans (1982, p. 280), ao usar uma estrutura cindida, a intenção do falante é contrastar sua mensagem com qualquer outra proposição. (...) as cindidas podem ser vistas como motivadas pela discordância que o falante supõe existir entre a sua posição e aquela que ele sente autorizado a atribuir ao seu interlocutor.

Não obstante os méritos dos estudos pragmáticos arrolados por Koch (2007), o que aqui se busca prestigiar é a relação das marcas linguísticas com o interdiscurso, exterioridade inscrita na ordem mesma do que se diz. Nessa perspectiva, parece relevante analisar o ponto de deriva dos sentidos que promove a ressignificação da forma verbal **aviso**, disposta no interior da estrutura cindida. Produzida numa rede enunciativa que se dá permanentemente à desestabilização, a significação desta forma verbal desliza da mera notificação à ameaça, sob o crivo da dinâmica interdiscursiva, em que o focalizador é **que** demarca a contraposição a um dizer-outro, insensível às necessidades básicas da população. No movimento simultâneo de identificação do sujeito com os excluídos e de construção de um efeito identitário pautado na resistência à estrutura social vigente, emerge o sentido “novo”, determinado pelo **resto** que insiste e resiste a se dizer (bem como pela repetição que dá lugar ao singular). No jogo entre repetição e diferença (corroborado por Deleuze), produz-se um sentido subversivo, que, em verdade, não é mais do que efeito do funcionamento discursivo, tal como na sequência:

Eu estou triste porque não tenho nada para comer.
 Não sei como *havemos de fazer*. **Se a gente trabalha** passa fome, **se não trabalha** passa fome.
 (QD, p. 114)

Como sintoma da regularidade que governa a repetibilidade material do enunciado, tem-se, nesta sequência, o emprego da *tematização* (**Se a gente trabalha / se não trabalha**), articulado ao fenômeno da **modalidade**, expresso pelos tempos/modos verbais (**havemos de fazer / trabalha**). Pela via dessas ferramentas da língua, delimita-se o confronto entre a inscrição enunciativa do sujeito enunciador e uma outra circunscrição ideológica, comprometida com a tese capitalista de que o trabalho assegura a dignidade humana.

Semelhante desarranjo da memória pode ser visualizado a partir da abordagem da **tematização** na sequência:

Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhes conforto e riquezas. (Sic)
Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós.
 (QD, p. 108)

A anteposição do elemento temático destacado integra a regularidade de um processo discursivo marcado pela desestabilização de sentidos petrificados. Entre eles, os sentidos formatados no espaço discursivo da religião, em que a providência divina é idealizada como instância redentora dos humildes, plenamente acessível aos que nela se confortam. Balizada por este índice sintático, insinua-se a relação do fio do discurso com a população de outras falas, que simultaneamente a perpassam e se vêem transfiguradas. Na atualidade do intradiscorso, a organização sintática da sequência tema/rema sinaliza para a derrocada da premissa igualitária, traduzida no ideal cristão de nivelção dos indivíduos no plano metafísico. Sobretudo porque é de fato neste mundo (e para todos) que se reivindicam assistência e proteção.

Nessa mesma direção, focaliza-se a dinâmica transgressora, depreendida por meio da descrição/interpretação do segmento:

Voltei e fui esquentar comida para os filhos. Arroz e peixe, o arroz e o peixe era pouco. Os filhos comeram e ficaram com fome. Pensei:
Se Jesus Cristo pudesse multiplicar estes peixes!
 (QD, p. 165-166)

Concretizada sob a forma da modalização, que se demarca pela estrutura de exclamação e pelo uso da conjunção **se**, a formulação em itálico atualiza a função enunciativa, em cujas fronteiras se desestabilizam “verdades” cristãs sobre a onipotência divina. Por meio do empreendimento da modalidade, instala-se, pois, o deslocamento de saberes (ideológicos), bem como a identificação do sujeito com uma ordem de questionamento e indignação.

Em perspectiva bastante distinta, inscrevem-se, por outro lado, os seguintes efeitos de sentidos, identificados por meio da varredura do interdiscurso desta sequência discursiva de referência:

Os favelados todos os anos fazem fogueiras. Mas em vez de arranjar lenha rouba uns aos outros. Entram nos quintaes e carregam as madeiras de outros favelados. Eu tinha um caibro, eles levaram para queimar. Não sei **porque é que os favelados são tão nocivos. Além deles não ter qualidades** ainda surgem os maus elementos que mesclam-se com eles.
(QD, p. 63)

A partir do batimento desta superfície discursiva com a sua contraparte político-ideológica, depreende-se que o funcionamento da língua no interior de uma formação social constrói um efeito discursivo de aproximação entre o que é “pensado” **antes** e o que se afirma **no** presente. Por meio das formas sintáticas destacadas em negrito, que concedem proeminência a determinados elementos do intradiscurso, realiza-se, ao mesmo tempo, a marcação do pré-construído como manifestação do dado incontornável, como exterior discursivo incluído em uma interdiscursividade. Desse funcionamento, que faz a língua exceder uma **função** (de comunicação, de interação) e apresentar-se (ao lado da história) como partícipe da construção dos sentidos, emerge uma possibilidade de interpretação: aquela que reconhece, nesta sequência, uma reafirmação da fragilidade moral dos favelados. Na relação com uma rede enunciativa, cujos elementos de saber se constituem sob o crivo de diferentes campos discursivos e dos dispositivos de **controle** investigados por Foucault, instala-se o sentido de uma convalidação do imaginário social que associa a identidade do favelado com a vileza e a periculosidade. Eis uma identidade com que o sujeito-enunciador contingentemente se contra-identifica, a partir do funcionamento discursivo, que se institui no encontro das formas da língua (determinadas pelo inatingível do sentido) com uma historicidade constitutiva do discurso.

Articulado a esse movimento simultâneo de contra-identificação do sujeito e de produção de uma dada identidade (do favelado), realiza-se um deslizamento dos sentidos assumidos pelas palavras **qualidades** e **nocivos** em determinadas formações / sequências discursivas. No interior das estruturas marcadoras de foco, que compõem o intradiscurso desta sequência, a mobilização do elemento **é que**, do intensificador (“**tão** nocivos”) e da

expressão denotativa de inclusão (“**Além deles** não ter qualidades”) vem clivada por dizeres outros, cuja matriz histórico-ideológica direciona sentidos para a condenação do *ethos* do favelado. Essa clivagem do intradiscurso, todavia, não faz coincidir plenamente os sentidos outros, produzidos alhures, e o sentido que está “contido” na afirmação global da formulação (no **novo**). Visto que, conforme Pêcheux, os sentidos escapam às palavras, e que o discurso **comum** também não deixa de dar abertura ao equívoco da língua, irrompem, na relação dos enunciados com o seu **campo adjacente** (FOUCAULT, 2005), efeitos semânticos que associam nocividade a preguiça (à lei do menor esforço) e operam uma disjunção entre os favelados e os “maus elementos”. Diferentemente dos últimos – que são implicitamente associados à ação, à violência – aos primeiros, se lhes acusa numa perspectiva de ordem negativa, centrada no que lhes **falta**: critica-se neles – novamente por meio da incidência, no fio discursivo, de um saber provindo do interdiscurso (da formação discursiva capitalista) – a falta de iniciativa e de produtividade. A partir das pontuações de Gregolin (2004, p. 181) sobre os diálogos e duelos de Foucault e Pêcheux, poder-se-ia reconhecer, nesta prática discursiva, o jogo, assinalado por Pêcheux, entre a estabilização das significações e as transformações do sentido, realizado **numa zona intermediária de processos discursivos** (ou regimes de práticas, segundo Foucault) **em que as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar**. Nada que se deixe recobrir, portanto, (apesar da aparente coincidência) pela postulação de que, nos marcadores de foco, instaura-se um tipo de “contraste entre uma informação explícita e outra(s) implícita(s) ou constante(s) de outro discurso – do interlocutor, por exemplo.” (AZEREDO, 2007, p. 125).

Entremeando as dimensões de classe e gênero da constituição identitária, a materialidade seguinte abriga o funcionamento discursivo de estruturas sintáticas, cuja descrição permite algumas interpretações:

Eu estou cansada e enojada da favela. O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome no Diário, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio. *E se eu fosse uma dessas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escândalo?*
(QD, p. 156)

No âmbito desta sequência, a combinação dos indicadores de modalidade (tais como: o modo verbal, em **fosse, chegasse e fizesse**, o pronome **dessas** e a conjunção condicional **se**) com o procedimento de junção conectiva (marcado no operador **E**) concretiza a constitutividade do já dito em relação ao fio do discurso. No entremeio do núcleo (linguístico) com um exterior (não menos languageiro, assimilado ao pré-construído de que **as faveladas não têm compostura**), edifica-se, a um só tempo, a síntese identitária pejorativa da **mulher negra da favela**, bem como a separação do enunciador em relação a esta subjetividade.

Em busca das discontinuidades no trajeto aparentemente estabilizado da rede discursiva que legitima as memórias das minorias, esta análise ainda focaliza o cruzamento da atualidade com a memória no intradiscurso da sequência:

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. (...) Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E **elas, tem que mendigar e ainda apanhar**. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente em meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escavas indianas.
(QD, p. 14)

Com base em Pêcheux, pode-se depreender, desta materialidade, um processo de construção dos sentidos que se desenvolve no espaço de tensão entre estrutura e acontecimento. O fato de o discurso se constituir sob a determinação de uma formação discursiva, e do interdiscurso que simultaneamente a excede e incide em seu interior, instala na sequência funcionamentos que sinalizam para o batimento entre o novo e uma anterioridade representada no fio discursivo. Esses funcionamentos discursivos se marcam, no intradiscurso, por meio do deslocamento dos termos em negrito, cujo efeito extrapola a mera distribuição das informações na superfície do texto. Trata-se de formas linguísticas que mediatizam a produção histórica de identidades (da mulher / do homem / do favelado), instituindo-se a partir de relações de poder (mais propriamente micro-poderes, nos termos de Foucault) capazes de determinar o surgimento dos enunciados da formação discursiva

de referência. Sobretudo nas estruturas topicalizadas: “E elas, tem que mendigar e ainda apanhar”; “A noite, enquanto elas pede socorro”; “Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados”. Aqui, configura-se a dinâmica discursiva situada para além da contenda entre puristas e sociolinguistas, interessados, respectivamente, em reafirmar ou combater a tese de que a estrutura de tópico é característica do falar coloquial. Mediante os propósitos de se compreender a produção do discurso e do sujeito, releva prestigiar a atuação deste índice linguístico, considerando-se a irrupção do diário de Carolina no espaço de instabilidade entre o fazer estético, historicamente determinado por uma economia escriturística, e as artes do cotidiano, investigadas por de Certeau (2007). Especialmente porque as estruturas topicalizadas, ao abrigarem marcas da coabitação do erudito pelo popular (ou talvez do popular pelo erudito...), contribuem para o delineamento do mosaico identitário, decorrente dos movimentos de identificação e contra-identificação do sujeito enunciador de Quarto de despejo com o processo discursivo que reivindica espaço para as memórias subterrâneas.

Tal como nessas duas últimas formulações (que abrigam, concomitantemente, o deslocamento de constituintes/orações e mecanismos de junção), outras formulações sublinhadas na sequência instauram, com a participação do marcador de conexão (“Mas”), o efeito de uma diferenciação do sujeito em relação aos favelados. Em “Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas” e “Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas”, a relação de contrajunção (assinalada pelo operador “Mas”) demarca o movimento simultâneo de retorno e ratificação de um saber anterior, que conforma a identidade feminina à tradicional repartição dos papéis da mulher e do homem no interior do casamento.

Considerações finais

Um olhar apriorístico sobre a materialidade investigada sugere a tranquila catalogação da diarística de Carolina de Jesus como prática de contestação, haja vista que, aparentemente insubmissa, essa escrita realiza o questionamento da realidade vivenciada pelas populações marginais (VIANA, 1995, p. 70). Todavia, não obstante o caráter de

resistência implicado nessa forma da ação coletiva (que re-produz a plataforma dos combates empreendidos nos terrenos da classe, do gênero, da etnia...), a análise do funcionamento discursivo das sequências apreendidas sinaliza para uma configuração mais complexa da dinâmica entre poder e resistência. Reitera-se, de fato, uma complexidade que, encontrando eco nas teorizações de Deleuze sobre repetição e diferença, é assinalada pelas formulações de Foucault sobre a reciprocidade entre resistência e poder. Isso porque as resistências podem fundar novas relações de poder “tanto quanto as novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência” (REVEL, 2005, p. 75). Assim sendo, a intuição inicial de que essa escrituração de si (auto-representada como **dobradura do fora**) rompe plenamente com saberes outros, intrincados na escrita tradicional da História, não demora a ruir, tão logo se inicie o movimento descritivo/interpretativo. Sobretudo porque, no processo discursivo de construção identitária, a afirmação de determinadas identidades (relacionadas à modelação do sujeito como “amante das letras”, em Quarto de despejo), se não apaga, por vezes obscurece determinadas diferenças (**efeitos de resistência**), constituídas nas dimensões de gênero e etnia.

A partir de algumas categorias linguísticas (formas de **modalidade, junção e deslocamento sintático**), colocadas a serviço do funcionamento discursivo, a análise constituiu, de fato, efeitos de regularidade. Ela chegou a regimes de repartição, apreendidos tanto no âmbito da formação dos objetos (as identidades produzidas), no nível das escolhas temáticas (associadas à legitimação das memórias periféricas), como no plano dos modos de enunciação (atravessados pelas representações do literário e da linguagem ordinária). Entretanto, esse movimento de apreensão das formulações enunciativas, conformadas em rede no cruzamento da **atualidade** com domínios de **memória** e de **antecipação**, trouxe à baila movimentos de dissensão no interior mesmo da discursividade memorialista apreendida. Dito de outro modo, a formulação dos enunciados (elementos de saber da FD de referência) encontra, no intradiscorso, elementos de uma exterioridade interdiscursiva, dissimulados como evidência no fio mesmo do discurso. Ou seja: ao se constituir sob o atravessamento do interdiscorso, a discursividade memorialista em questão direciona sentidos para a reabilitação, mas também para o controle e, em outro extremo, até mesmo para a disjunção do sujeito discursivo com os

excluídos sociais. Nos limites do funcionamento discursivo, corrobora-se, portanto, a natureza relacional e não-essencialista das identidades, visto que elas se constituem na contraparte da diferença (com os opressores / com os excluídos) e podem ser sempre reformuladas, numa ordem de contingência e indeterminação.

Em síntese, identificam-se, neste trabalho, algumas regularidades, capazes de fazer ver a prática languageira de Carolina de Jesus como concretização de uma discursividade predominantemente assentada numa posição-sujeito de porta-voz, não apenas comprometida, mas também identificada com as vidas ordinárias. Essa posição de porta-voz, instituída hegemonicamente numa ordem de comunhão com as minorias, não se apresenta, entretanto, como modalidade estável e fechada de identificação com a FD. A irrupção de fissuras, assinaladas pelas formas da língua que inscrevem o movimento do interdiscurso com o fio discursivo, instaura a divisão no interior mesmo da posição-sujeito de comunhão com os excluídos, fazendo-a derivar sentidos simultâneos de controle (do outro) e de elaboração de si. Numa outra extremidade, o jogo dos enunciados com a rede enunciativa instala uma fratura ainda mais expressiva. Embora não implique a desidentificação do sujeito com a FD de referência, esta fratura instaura, à maneira de diferença perturbadora da identidade, uma nova regionalização da posição-sujeito de porta-voz, que converge para a disjunção do sujeito com os oprimidos sociais.

Não obstante a impossibilidade do fechamento, reafirma-se, aqui, à maneira de síntese, a complexidade da instância subjetiva, mesmo em um espaço de assumida narrativização do eu, como a obra *Quarto de despejo*. Esta complexidade se traduz no mosaico de identificações e identidades, contemporâneas à irrupção de um efeito-sujeito dividido em relação a si mesmo, visto que se coloca sob a dependência da configuração discursiva, heterogeneamente constituída entre o sentido e a falta que insiste.

Referências Bibliográficas

- AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

- BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CALLOU, D. et al. *Topicalização e deslocamento à esquerda: Sintaxe e Prosódia*. In: CASTILHO, A. T. (Org). *Gramática do Português Falado Volume III: As Abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp. 1993. p.p. 315-360
- COURTINE, J. J. *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*. In: *Langages*, 62. Paris: Didier-Larousse, p.9-127, 1981 (tradução de circulação restrita: Sírio Possenti).
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 13ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise*. O impossível para além da soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault*. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. p. 231-249.
- FUCHS, C. & PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. O discurso na história da Linguística. Campinas/SP: Pontes, 2004.
- GREGOLIN, M. R. V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- GRIGOLETTO, M. *Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção*. São Carlos/SP: Claraluz, 2006.
- KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- MAZIÈRE, F. *A Análise do Discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.
- _____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 1987.

ⁱ **Mara Rúbia de Souza Rodrigues MORAIS, Profa. Dra.**
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)
mararubia@jatai.ifg.edu.br